

Summer of '79

Esta é uma obra de ficção.

*Qualquer semelhança com factos, pessoas ou acontecimentos reais
terá sido mera coincidência.*

Prefácio

Era uma vez...

Bem, é assim que começam todas as histórias de encantar. Esta não o é, mas não poderia ser uma excepção. Esta é talvez, uma história de amor, ciúme, saudade e até (quem sabe?) atracção fatal.

Correndo o risco de me tornar enfastioso, gostava que o leitor não se limitasse a ler. Porque não uma leitura activa? Se conseguisse ler com atenção e tirar as suas próprias lições da vida, poderia me considerar um escritor realizado.

À algum tempo, conheci numa festa uma rapariga chamada Rita. Apesar de não poder considerada bonita, confesso que lhe notei um certo encanto, o que me levou a aproximar-me dela. E posso até vangloriar-me de ter sido um dos poucos que conseguiu penetrar na couraça que possuía, e até mesmo levantar a máscara que escondia a sua personalidade. Personalidade essa que, logo que a conheci, imaginei que tivesse muito a esconder. Ou a revelar. Não me enganei. Passados alguns dias, propus-me a escrever uma das muitas histórias da sua vida.

Mas agora devo avisar o leitor: tendo todos os detalhes e dados que me foram relatados por uma só pessoa- a protagonista, podendo deste modo este pequeno conto tornar-se parcial. Claro que após um pouco de pesquisa, poderia ter sido enriquecido com outras opiniões e pontos de vista. Mas com esta versão unilateral, pretendo que o leitor entre num contacto mais directo com a maneira de pensar duma jovem que atravessava a passagem da adolescência para a idade adulta.

I

Desde que acabara o liceu, podendo ingressar na faculdade (e as excelentes notas que obtivera permitiam-lhe poder escolher o curso que quisesse), Rita deparava-se com um pequeno problema, grave por ser um reflexo da sua personalidade. Ela sempre tivera um grupo de amigos muito restrito, e sempre inserida na mesma turma desde a primária, com os mesmos colegas, as mesmas pessoas e caras, nunca travara novas amizades. E tinha um medo terrífico de não o conseguir fazer. Sempre fora extremamente tímida; e temia que, quando necessitasse, não conseguiria superar essa timidez, acabando sozinha e sem amigos.

Mas pelo que me relatou, após muito pensar, reflectir e ouvir os conselhos da sua própria consciência e auto-estima, quando chegou a altura de fazer uma mudança decisiva, Rita estava pronta. Entrou na Faculdade de Medicina com o pé direito, e apesar de não conhecer absolutamente ninguém na sua turma, esta experiência revelou-se extremamente gratificante. Encerrara uma parte da sua vida; e a partir dali seria mais liberta, mais extrovertida. As circunstâncias obrigaram-na a fazer novas amizades, e o resultado a curto prazo traduziu-se numa experiência extremamente positiva.

Deixando também algumas marcas e consequências mais sérias. Um dia, começou a gostar de um colega. Um amigo, de seu nome Vítor, que acabara de conhecer na faculdade. Tal como a convivência entre os dois crescia, também esse sentimento cresceu. Até chegar a uma questão: “Estarei apaixonada?”. Nunca se tivera apaixonado antes, tivera sim, somente alguns amores platónicos, e nem sequer tinha a certeza do que seria estar apaixonada. Mas como eram bons amigos e assim gostaria de ficar, pelo menos, Rita nunca lhe dera a entender os seus sentimentos. Apenas gostava de estar junto dele, conversar com ele, sem pedidos nem confissões... Até que um dia cometeu um erro. Confiou demasiado numa pessoa. E não só acabou por se sentir traída, mas também rejeitada. Vítor viera a saber, assim como todos os amigos deles. Foi um final bastante triste para aquela que prometia ser uma bonita amizade. Vítor afastara-se completamente, e Rita não sabia como superar aquela que seria a primeira das muitas crises da sua vida.

II

Algum tempo depois, Rita foi com alguns amigos e conhecidos a um concerto rock. Aí, conheceu um rapaz alegre, simpático e bem disposto, amigo desses seus novos amigos. Chamava-se André. Talvez por estar cansada de sofrer em silêncio e ainda tentando esquecer Vítor, tentou aproximar-se dele. Apenas como amigos, claro!. Sobretudo porque decidira não querer mais complicações amorosas, mas também porque sabia que ele tinha uma namorada e era feliz com ela... não seria Rita a acabar com este laço.

Mas aquela hora e meia que esperaram o início do espectáculo, permitiu-lhes conhecerem-se melhor, descobrindo a grande quantidade de coisas em comum. Até as próprias datas de aniversário coincidiam, apesar dele ser alguns anos mais velho. Pode dizer-se que ficaram amigos no final desta noite, bons amigos até. E quando chegou a hora do adeus, prometeram não perder o contacto, já que andavam ambos na mesma universidade.

Mas até mesmo esta promessa fora quase impossível de cumprir. Quando, dias mais tarde, Rita o viu e se lhe dirigiu para o cumprimentar, André revelou-se frio, quase antipático, e a situação chegou a um ponto em que Rita nem sequer se aproximava mais para o cumprimentar.

Entretanto ela tinha perdido já quaisquer esperanças com Vítor, pelo menos em termos dum relacionamento a dois. Mas não se conseguiria sentir bem consigo mesma enquanto não recuperasse a amizade e a confiança que existira entre os dois. Mas os dias foram passando e, com eles, mágoa e esperança. Mágoa por tudo o que acontecera, e esperança de melhores dias.

Aproximou-se então o aniversário não só de Rita, como de André. Deste último, tinha ouvido falar algumas coisas. Parecia de tal modo famoso na faculdade, que mesmo sem querer, quando ouvia falar dele, prestava atenção. Ficou então a conhecê-lo um pouco melhor. Pelo que tinha ouvido, André não só era bastante inteligente como dedicava os seus dias a tocar uma viola, o que também fazia extremamente bem. Adorava música, conduzia um Renault Twingo preto, e até sabia que os pais eram donos de uma das sapatarias da cidade. De Vítor, ela sabia muito pouco, e nem pretendia saber muito mais. Por outro lado, André era praticamente um desconhecido, mas ela já o conhecia melhor do que a muitos dos seus novos colegas.

Com o aproximar-se do seu 18º aniversário, Rita quis fazer uma enorme festa. O dia era bastante especial: o chegar da idade adulta. Convidara todos os amigos, e alguns conhecidos. Com esta festa, ela esperava recuperar amizade de uma pessoa que ela tanto prezava: Vítor. Para André, ela apenas reservara uma palavra, a ser dita no dia do aniversário, num tom de desprezo: "Parabéns"! Somente desejava que nesse dia, o dia da festa, tudo ocorresse como planejado. E todas as incertezas que Rita acalentava para esse dia aproximavam-se...a hora da verdade.

No dia da festa, tudo parecia correr bem. A festa estava marcada, e todos os convidados, incluindo Vítor, haviam confirmado a sua presença. Mas quando a hora chegou, e os convidados chegavam um a um, Vítor teimava em aparecer. Até que a festa acabou sem que ele tivesse aparecido. A explicação dada fora simples: adoecera à última hora e, não podendo ir, faltara à festa.

Verdade ou mentira? De qualquer modo, as expectativas de Rita goradas, as esperanças perdidas, os sonhos desfeitos! Mas ela decidira secretamente não se deixar abater, naquele dia demasiado

importante para que ficasse completamente estragado com um contratempo. Por muito grande que ele fosse.

Decidiu então que o melhor era deixar algum tempo, para que pudesse ser este a sarar aquela pequena ferida. Pensava até ter descoberto qual a razão da negação de Vítor. Com o pensamento de que ele amaria uma outra, se reconfortou, pois assim, determinava uma razão para o seu procedimento que não se prendia com ela. O

problema não seria dela: não era dela que ele gostava, simplesmente porque existiria uma outra por quem ele se encontraria apaixonado anteriormente. Intimamente, foi esta a solução que lhe trouxe o conforto e a estabilidade que necessitava.

Dali por diante, Rita apresentava um só pensamento: estudar para conseguir boas notas. As melhores, se possível. Quase esquecera André. Vira-o apenas uma única vez, com um amigo, num centro comercial. Aproximara-se dela e da amiga para a cumprimentar, e desde então, não se haviam visto.

III

O tempo passou, e com ele, algumas novidades. Vítor desistira do curso. Dissera preferir cumprir primeiro o serviço militar, e só depois pensar em acabá-lo. Enquanto isso, Rita quase morria se saudades. Sempre procurava vislumbrar a figura de Vítor, em todas as pessoas, em todos os automóveis... Procurava saber dele, mas nada conseguia. Ele viajara para não voltar. Pelo menos, não tão cedo.

Até que um dia, Rita ouviu na rua um boato que constituiu um marco na sua vida. Uma senhora conhecida na cidade, tinha-se suicidado da maneira mais terrível que se pode imaginar. Apesar de não conhecer bem tal senhora, esta revelação traduziu um ponto de viragem.

De início, não conseguira unir os dois pontos para juntar toda a história. Mas quando um deles se revelou, o outro de seguida fez esta pequena mas incerta pensar muito. Poucos dias mais tarde, numa conversa, ouvira que esta senhora era casada e tinha um filho. De vinte e poucos anos, chamado André. Esta informação, recebida totalmente de modo inesperado, constituiu um verdadeiro choque, aquilo que costumamos chamar um balde de água fria, para Rita. E a partir desse dia, só conseguia pensar nele, no seu sofrimento, no que ele poderia estar a passar, com a horrenda morte que a mãe escolhera. Parecia-lhe agora que ter sido injusta com André. Parecia que toda a raiva que sentira pela indiferença, era tão mesquinha e egoísta diante do que acabava de acontecer... Pensara odiá-lo, e afinal estava a sofrer com ele, mais que nunca solidária pelo sofrimento de alguém.

Até que o viu novamente... Foi na Festa da Queima da Fitas. Ela tinha combinado ir com Vanessa, uma amiga. Mas a amiga não aparecera, deixando-a sozinha, sem saber se ficar ou ir-se embora, pois só não queria ficar. Foi então que encontrou um grupo de amigos que não via à já algum tempo. André e seus amigos. Com eles ficou praticamente toda a noite, sempre a conversarem. Somente ela e André. Passaram toda a noite a falar, quase sempre sozinhos e a tentar recuperar todo o tempo em que tinham estado sem se ver. Mas desde o início, Rita evitou sempre o único assunto que sabia não ter coragem para discutir com ele, a recente morte da mãe dele.

Aquela noite pareceu ser mágica, Rita e André pareciam talhados na mesma medida: feitos um para o outro. Pelo que entendera, ele já não tinha namorada, e a noite acabou com a vontade mútua de se verem novamente.

Algum tempo mais tarde, Rita foi visitar uma amiga. Esta morava numa parte da cidade um pouco desconhecida para ela, que acabou por se perder na confusão de casas, ruas e pessoas. Ao entrar num café para pedir informações, Rita encontra Joana, uma das melhores amigas de André. Esta explicou-lhe que trabalhava nesse café, e que, assim com André e todos os amigos em comum, morava naquele bairro.

Como André entretanto entrara no café, acabou por esquecer a amiga e ali passar toda a tarde. Agradava-lhe estar perto dos amigos, de quem tinha saudades, e apreciava sobretudo estar com André. E tinha, sem querer, deixado de pensar em Vítor. Sentia agora um desinteresse profundo, por tudo o que

estivesse relacionado com ele. Segundo ela, existia apenas um única explicação lógica e plausível para todo este desinteresse; Vítor não passara de uma ilusão. Como tantas outras relações platónicas que tinha tido. Como o seu primeiro amor, quer dizer "fraquinho" de criança pelo seu colega Filipe; já no liceu por Miguel ou pelo seu vizinho João. E a lista continuava... Ela relembra todos aqueles em que ela imaginara, em tristes dias, amar: Rui, Flavo, Luís e, mais recentemente Vítor. Pensando estar apaixonada, tudo não passara de ilusões, de miragens de amores incorrespondidos.

Só André não se engloba nesta lista, e por uma única razão. Ele fora o único por quem ela sofrera, por quem ela se desiludira, mas sobretudo era ele quem a fazia sentir algo que nunca sentira. Um sentimento ténue, confuso, mas diferente. E foi com um misto de receio e angústia que lhe eram característicos, Rita combinou lá voltar no dia seguinte. Não sabia o que iria acontecer, mas acabou por ir.

Combinaram ir ao centro comercial, ao cinema, com Joana. António, o namorado desta, não pudera ir, e acabaram por ir só os três. Por azar, nenhum dos filmes apresentados lhes agradavam e, acabaram por se sentar na esplanada de um café toda a tarde. Nestes momentos em que se encontravam os três juntos, Joana parecia querer a dar a entender um certo interesse de André por Rita. Perguntas como "Tens namorado?", "O que achas do André?", muito subjectivas, inocentes até, se pronunciadas noutra ocasião, causavam um certo embaraço a esta última. À primeira respondia tranquilamente a verdade, mas quando tentava definir André, acabava por corar, sem saber o que dizer. E quando, nesse dia, se despediram, não sabiam quando voltariam a encontrar-se. Mas tinha ficado a esperança e uma promessa.

IV

No dia seguinte, o telefone tocou em casa de Rita. Era Joana, que a convidava para a festa de aniversário do namorado, António, que ocorreria no final da semana. Joana garantiria-lhe reencontrar lá todo o grupo, de quem ela era amiga: ela, André, António, Susana, uma amiga, e Jorge, vizinho deles e colega de longa data de Rita. Seria uma maneira de passar uma tarde agradável, com os amigos, apesar do aniversariante ser, de todos, quem ela menos conhecia. Como presente, sem ideias, Rita comprara um simples porta-chaves com a inicial "A" do nome, e decidira-se a ir à festa.

Insegura e tímida como era, incertezas e dúvidas ensombravam diariamente a sua existência. Como desconhecia o que poderia acontecer, Rita sentia-se também insegura e confusa acerca desta festa. Mesmo após chegar ao limiar da porta do prédio, Rita hesitava ainda em tocar à campainha. Mas uma vez mentalizada, Rita fechou os olhos, respirou fundo, tocou a campainha, e com um pensamento reconfortante, entrou.

Como já imaginara, era uma festa pequena e íntima, e além dos referidos, viria apenas Andreia, uma desconhecida amiga de António que Rita não conhecia. O início da festa demonstrara-se muito desconfortável, pelo menos para Rita, pouco habituada a festas, fossem elas grandes ou pequenas, o que a impedia de conviver com todos., limitando-se a trocar algumas palavras com André, Joana ou Jorge, com quem se sentia mais à vontade.

Mas se pouco falava, tinha a oportunidade para pensar muito (que sempre fora um dos seus fortes). E reparava em pequenos pormenores... Como o facto de André procurar ficar sempre junto dela, conversar com ela, não a perder de vista... Rita fingia não se aperceber, até que se tornou óbvio, não só para ela, como para Andreia, que tentou dar uma pequena ajuda à situação. Após uma ligeira conversa com Rita, Andreia percebeu que, pelo menos, esta tentava evitar e fugia mesmo ao assunto, sempre que se tentava conversar alguma coisa mais séria, ou se dizia uma piada mais concreta .

Até que chegou um ponto em que Rita começou a sentir-se incomodada pelas intromissões de Andreia. Especialmente porque lembrava-se do que acontecera com Vítor, e que fora a razão porque perdera um amigo. Tinha acontecido uma vez, logo não queria perder a amizade de mais alguém que ela gostava tanto. NO entanto, Rita esquecia uma coisa: a situação era diferente de todas as outras que vivera até ali. E desta vez esses comentários e piadinhas só a ela pareciam incomodar.

Gota a gota, pouco a pouco, o saco rebentou e a situação tornou-se insuportável, de modo que Joana e Andreia acabaram por intervir. Expuseram a situação a Rita: André gostava dela, e ela não seria totalmente indiferente, mas faltava a ambos coragem para avançar, com medo duma suposta rejeição. Rita nunca tivera esse tipo de coragem (ainda hoje não a tem), ele parecia tê-la perdido algures nas encruzilhadas da vida. Como as suas ideias encontravam-se então confusas! André, Vítor, a morte da mãe de André (decorrida um mês antes), a festa, Andreia, e ela presa no meio de tudo sem saber o que fazer!

Após a conversa com ela, Andreia dirigiu-se a André, tentando deste modo aproximá-los. Enquanto tal decorria, Rita esperava. E desesperava, sem saber o que estavam a falar. Até que não conseguiu conter-se por mais tempo e decidiu intervir. Afinal, tratava-se da vida dela! Não deveria ser uma estranha a intrometer-se e decidir as coisas por ela... Mas mesmo após se encontrar sozinha, cara a cara, com André, não conseguia abrir-se e dizer o que sentia. Mas o que Andreia fizera parecia surtir efeito, porque o gelo tinha sido quebrado. Ficaram sozinhos, na varanda, a conversar, sem serem incomodados, mas nem mesmo assim conseguiam tomar alguma iniciativa. Amigos desde à algum tempo, era fácil arranjar tema para conversa, pois eram parecidíssimos... mas para algo mais sério...

Rita era ainda um pouco infantil. Com dezoito anos feitos, deveria ser mais madura... assim como André, afinal nenhum deles sabia o que dizer ou fazer. Quando saíram da varanda, todo o grupo dirigiu-se para o quarto de António. Era o único local que dispunham com alguma privacidade, boa música ambiente e o convívio dos amigos. (Para se entreterem, decidiram jogar um jogo social, a mímica. Enquanto um mimetizava um assunto, os outros tentavam adivinhar. Rita escolheu um objecto simples para imitar, relativamente fácil e que foi adivinhado em menos de dois minutos... André, por seu lado, apesar de muito se esforçar, parecia não ter sorte... o jogo acabou sem que alguém tivesse compreendido os seus olhares indiscretos para Rita, mas sobretudo porque apontava tanto para António e Joana. Somente no fim, depois de todos terem desistido, revelou a misteriosa palavra... “namoro”.

Depois do entusiasmo inicial deste jogo se ter desvanecido, e Joana ter ido a casa buscar uma cassete de músicas mais românticas, para que ela e António pudessem dançar, a festa tomou um ambiente mais romântico. Rita sentara-se numa cadeira a ver... e André, para ficar a seu lado, numa escrivaninha. E ali ficaram juntos... num ambiente que cada vez mais parecia irreal. Talvez por essa altura Rita tinha deixado de pensar, e começado finalmente somente a sentir. Sempre soubera que o seu problema era pensar demais... assim por aquele instante, deixara de pensar. Gostava de estar assim, próxima dele. Mas sempre que queriam dar o primeiro passo... faltava a coragem a ambos. Sabiam o que queriam dizer, mas nenhum sabia como. Não conseguiam soltar as tão esperadas palavras. E um silêncio deveras embaraçoso parecia querer-se instalar-se entre os dois.

Costumam dizer que um gesto vale mil palavras. Neste caso, valeu muito mais. Antes que ela se apercebesse, André agarrara-lhe a mão e segurava-a, apertando-a firmemente. Ao que ela correspondeu também com um ligeiro apertar de dedos. Ao mesmo tempo, olhava em volta. Via António e Joana a dançar, abraçados, e por outro lado, Jorge e Andreia pareciam entender-se também. Mas quando se concentrou novamente em André, algo mudara na sua expressão. Antes que ela pudesse reagir, André beijou-a, selando assim o compromisso que havia ficado estabelecido intimamente. Um enlace de dedos, um olhar, um beijo. Rita não parecia em si... não queria acreditar no que lhe estava a acontecer...

Depois desse beijo, não se separaram. O que acontecera a Rita parecera retirado dum conto de fadas. E se de início parecera-lhe estar confusa, agora já não o estava. Sabia exactamente o que queria e quem queria. E com essa certeza adormeceu nessa noite.

V

Nos dias seguintes a essa festa, Rita não conseguira ver André. E tivera tempo para ... pensar. Pensar demais. Sabia que existiam imensos problemas e obstáculos a ultrapassar para que desse certo. Um dos maiores era a lembrança da recente morte da mãe dele. Começava a pensar se seria correcto ou se tinham precipitado, já que por uma estranha coincidência, este acontecimento ocorrera exactamente um mês depois do fatídico dia. Que paradoxo! Morte e amor interligados... mas este simbolismo Rita não conseguiu perceber na altura... E assim cada vez mais receios se implantavam no seu coração.

Mas também estes receios desapareceram. Bastou-lhe ver o sorriso de André no seu próximo encontro. Um sorriso que muito dificilmente Rita esquecerá... Nesse dia, convidaram-na para outra festa de aniversário, desta vez a de Jorge. E a esta ela fazia questão de ir. Não só por ser uma velha amiga do aniversariante, como para ter mais uma oportunidade de rever o namorado.

Mas foi também nesta festa que Rita iniciou a sua aprendizagem: nem tudo são rosas numa relação. E a sua atitude, calma e demasiado passiva, começaram a provocar algumas fricções. Essa festa diferia bastante da anterior, especialmente no que diz respeito aos convidados. E especialmente a uma outra rapariga que, por ser uma grande amiga de Jorge, fora convidada. Esta, de nome Sílvia, era também uma velha conhecida de Rita, já que ambas tinham frequentado juntas o ensino primário. Apesar de em tempos se terem dado muito bem, Rita achava que com os anos ela tornara-se muito snob, sendo sobretudo conhecida pelas fofuques que espalhava. Rita sabia então que não podia confiar nela, aliás, o mais certo seria que no dia seguinte, toda a cidade saberia do seu namoro. Situação essa que Rita pretendia evitar a todo o custo.

Mas se Sílvia não dissesse nada, nem dera a entender que daria muita importância a este acontecimento, a relação entre os dois também não se desenrolava nas melhores condições. André era uma pessoa na maior parte das situações divertida, alegre, faladora, quase o oposto de Rita. Eram personalidades cujas diferenças faziam com que entre eles se criasse por vezes um clima de dúvidas e incertezas. André estava certo quando queria que Rita falasse e fosse mais comunicativa. Afinal ninguém gosta de ter uma estátua como companheira. Mas ela sentia-se intimidada, incomodada, e toda a espontaneidade que ela sabia ter, esmorecera, desaparecera.

Essa noite acabou quando Rita adormeceu. Mas antes de o fazer, fez uma retrospectiva do que acontecera até então, e pensou em André. Verificou o quanto a sua vida tinha mudado em tão pouco tempo, para melhor, e que a partir daí, ela só poderia melhorar. Sabia que um dia iriam se separar, mas não pensava nesse dia. Tinha decidido viver um momento de cada vez, e naquele momento, sentia-se nas nuvens.

VI

Ela procurou-o novamente na semana seguinte. Muito seriamente, ele dissera que necessitavam de uma conversa a dois. Rita imaginara logo o pior. Os seus constantes pensamentos receosos levaram-na a pensar que se trataria do ponto final do namoro. O tal dia que, para ela, estaria longe. Mas quando esta conversa teve lugar, este medo não se concretizou. Também a ele ocorrera que a insegurança de Rita a levasse a pensar que ele queria acabar tudo. Mas, pelo contrário, o que ele queria era que se entendessem. passaram toda a tarde a conversar como nunca o tinham feito, especialmente sobre os assuntos “proibidos” até então. Muito foi dito, desde a sua reacção à morte da mãe, as namoradas que tivera, os desgostos que sofrera... fora sincero. Rita contara pequenas coisas da sua vida (que nunca fora muito interessante), ele relatava sua vida.

Dissera, e sempre sublinhara, nunca a querer magoar, pois também ele já fora magoado e sabia o quanto isso custava. Rita confiara piamente nele. Pela primeira vez abria o seu coração a um amor, e queria entregar-se a esse sentimento, tão novo como assustador.

Desse dia, ficava a certeza que amava e era retribuída. Ingenuidade talvez, pois acreditara em todas e quaisquer palavras. Todos sabemos que, no que diz respeito ao amor, existem muitas mentiras doces que nos fazem bem ouvir num momento romântico, mas que se tornam perigosas se tomadas por verdadeiras. Do topo dos seus dezoito anos, Rita era demasiado inexperiente e não aprendera ainda uma regra de ouro: nunca confiar em palavras, mas sim em actos.

Por uma semana, tudo parecia então correr bem para Rita. Caminhava de felicidade em felicidade, e duvidava conseguir ser mais feliz do que naqueles dias. Abdicara já de muito para poder defender este seu primeiro amor, e queria começar agora a colher os frutos das suas provações.

Procurou-o então no fim de semana, pois queria convencê-lo a poder passar o dia juntos. Ela só precisava conseguir fazê-lo levantar-se da cama. Sabia que seria uma tarefa arriscada e árdua: ele sempre dissera que dormia até tarde e detestava ser acordado. Mas Rita, mesmo assim, acreditando no amor, decidiu arriscar.

Não o foi acordar de bom humor, talvez por ter sido tão repentinamente acordado. Recusara-se a sair da cama, com a desculpa que não queria ser visto em roupa interior. Apesar de achar uma perfeita estupidez, Rita acedeu em sentar-se na cama junto a ele, ali ficando a conversar. Antes que Rita tivesse tido tempo para lhe dizer o que quer que fosse do muito que tinha, André começou a falar num tom tão sério que fez Rita recear novamente. Mas desta feita, com toda a razão.

André acabara de dizer as palavras fatais. Que não valia a pena continuarem juntos pois eram demasiado diferentes, e que a sua relação nunca acabaria por dar certo. As palavras que Rita esperava ouvir desde o início. Acrescentou ainda que ela acabaria por encontrar alguém que gostasse dela exactamente como era, e não tentasse mudá-la como ele estava a tentar.

Ela ouvia-o, petrificada. Não dizia uma palavra, mas viu-se obrigada a concordar com tudo o que ouvia. Custava-lhe acreditar que era o fim do sonho, mas compreendera o que André dissera. Prometeram ambos ficar amigos. Rita tinha tão poucos que não queria perder nenhum, muito menos ele, que já considerava um grande amigo. Despediu-se com um beijo e um adeus e foi finalmente para casa.

Epílogo

A partir daí, algo mudou na sua vida. Cresceu. Pouco restou daquela menina que viveu o primeiro amor e acabou por sofrer. Acertara ao aceitar viver um dia de cada vez, pois deste modo a dor e mágoa não seriam agora tão grandes. Foi esse o segredo: viver os momentos a pensar no presente e não no futuro.

Mas passado quase um ano sobre este último dia, ela relembrava breves momentos do que se havia passado até então. Sabia ser difícil cumprir a promessa de ficarem amigos, o que se tornou quase impossível. Mas Rita sonhava ainda com uma possível reconciliação. Parecia esperar que um dia André, como nos contos de fadas, mudasse de ideias e pudessem viver felizes para sempre... E até esse dia, ela continuaria a recordar, com saudade, as duas semanas de namoro. Porque apesar de tudo, continuava a gostar de André.

Não tentou se apoiar no que sentia por Vítor. Seria extremamente fácil, depois do que acontecera, sustentar-se novamente nesse suposto amor. Pelo contrário, Rita admitia nunca haver gostado dele. O que sentira por André fora demasiado forte, mais do que tudo o que sentira até aí.

De Vítor, restava uma amizade.

De André, a saudade.

Epílogo- parte II

Acabada a nossa história, resta-nos saber o destino reservado às nossas personagens. Para tal, tenho comigo uma carta que me foi cedida, e que consiste numa carta enviada pela nossa personagem a uma amiga, Luisa de seu nome. No fragmento que transcrevo, datado de finais de Agosto do ano seguinte, é explicitado toda a situação que se lhe sucedeu.

“E agora é a minha vez de falar na minha vida, não é? Pois é, agora estou numa encruzilhada. lembras-te de, algum tempo para cá, eu estar sempre a dizer que não gostava de ninguém? Pois é, poderia garantir que não havia ninguém novo na minha vida, mas isso devia-se a que, por mero acaso, ainda não tinha esquecido o André. E para dizer a verdade acho que ainda gosto dele. Mas o pior (melhor) ainda não te disse...

È que, desde o início das férias, ele parece ter-se lembrado de mim...A Joana, uma amiga comum, e que foi quem nos apresentou, telefonou-me, convidando-me para ir com eles a uma piscina, pois o André teria o cartão de sócio. Ele, a Joana, o namorado da Joana (o António), e eu. Eu, um pouco farta de

estar em casa, aceitei, claro. E devo dizer que adorei! À muito tempo que não falava com o André, e, nesse dia, não faltaram oportunidades para pôr a conversa em dia. Foi uma tarde espectacular. Mas não comecei a pensar coisas - foi só conversar. Pois é, e daí, a partir desse dia fiquei muito contente, pois já pensara ter perdido, mais que um namorado, um amigo. mas esse dia deu para perceber que ainda nos damos muito bem.

E agora, acerca de uma semana, ele telefona-me para casa, coisa que nunca tinha feito, nem mesmo quando namorávamos. E para cúmulo, tem telefonado todos os dias da semana passada, e temos passado horas esquecidas a falar ao telefone. E damo-nos tão bem que nunca se esgotam os assuntos, nem que seja à força do “dizer mal” um do outro, Bem, não é dizer mal, é aquele “corte” amigável em que sou perita, e ele a minha vítima preferida. Ele telefona-me para me perguntar se eu queria ir novamente à piscina. Eu, como tenho de ser a “baby sitter” do meu avô, e ele tinha estado um pouco adoentado nessa semana, ia adiando... Ele telefonava todos os dias, para saber se eu poderia ir no dia seguinte. E quando telefonou na quinta-feira, acabei por aceitar. Aliás, foi nesse dia que voltou à baila o nosso (antigo) namoro, já que ele perguntou se eu achava que estava tudo perdido.

E eu fiquei a matutar naquilo que ele disse, e nessa noite, até dormi mal, a tentar pôr os meus sentimentos em ordem. Não tinha decidido se devia ir ou não com ele à tal piscina, mas acabei por ir, só para podermos esclarecer bem umas quantas coisas.

Bem, não vou contar os pormenores, mas essa tarde foi também espectacular. Como já disse, entendemo-nos bem, somos amigos. Mas ele acabou por dizer que queria que tentássemos novamente. Acreditas? Até parece uma daquelas histórias... Um ano depois, sim, pois vai fazer um ano no dia 2 de Setembro, não sei bem o que fazer. Estou um bocado confusa, pois, se por um lado, acho que ainda gosto dele o suficiente para namorarmos outra vez, tenho medo que não resulte novamente, saia magoada, e pior que isso, corra o risco de perder um amigo.

Nesse dia, ele tinha explicado tudo, e pediu-me uma resposta, mas eu pedi-lhe para pensar mais um bocado, pois queria primeiro pôr os meus sentimentos em ordem. (...) Dás-me algum conselho? O que devo fazer?”

E com este desabafo poderia acabar esta narração. Não o faço, porém, sem revelar se este casal teve ou não o direito de ficar junto. Para ser totalmente fiel, a vida não é um conto de fadas. E apesar de certas semelhanças, nem todas as histórias se tornam em histórias de encantar. Apesar de ainda pensar nele e imaginar ainda amá-lo, quando uma semana mais tarde, tinha a decisão tomada, a situação tinha novamente se modificado.

E assim acabou esta relação ainda antes dele se ter iniciado. Poderia então dizer que ela precisava dum remate final nesta relação para poder viver novamente a sua vida. Infelizmente a solução encontrada não foi suficientemente eficiente. Esta foi uma história inacabada, que além de ter vindo a influenciar os relacionamentos seguintes demorou ainda algum tempo até cicatrizar totalmente.

THE END

FICHA TÉCNICA



Edições CelArte Literature 2001

Published on the Web on 07/12/2001

A story by:

Luisa Pinheiro Janeiro de 1995 a Novembro de 1996

Copy by:

Luisa Pinheiro 22-12-96

Revised by:

Luisa Pinheiro Agosto 2000